



Gaiato

8 DE OUTUBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 589 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALÉS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENCA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Areias do Cavaco

As Festas continuam. Apenas um breve intervalo, necessário à preparação de nova arrancada. Por ora, quero dar-vos conta de como foram as nossas andanças pelo Luso e Silva Porto.

Um desejo grande de conhecer as gentes do Luso nasceu em nós a partir de 1960, quando ainda éramos metropolitanos. Senhor Padre Carlos chegou a Paço de Sousa, após longa viagem por quase todas as terras de Angola. Falou-nos do que viu. Em nenhuma cidade foi tão bem recebido como no Luso. Nele ia a Obra da Rua, a Obra do Pai Américo. E disse-nos isto com tal convicção, que quisemos experimentar.

O ano passado não pudemos. Mas este ano fomos. Esquecemo-nos dos 2.060Km que teríamos de percorrer na ida e no regresso. Pusemos de parte as dificuldades previstas na condução de uma caravana de 40 rapazes, incluindo o grupo dos «batatinhas». Tínhamos que ir. Era um dever de gratidão. Tínhamos que dar contas àquele bom povo do varinho devotado à Obra de Pai Américo, agora em Angola. Não havia outro processo senão mostrar-lhe o fruto. E aqueles 40 rapazes, alegres, sádios, confiantes eram o fruto do amor dedicado também daquela boa gente. Sim, a nossa presença nos palcos de Angola, como nos da Metrópole é também para isto.

A maior parte da gente conhecia a Obra apenas pelo jornal «O Gaiato». É verdade. Pelas nossas mãos passam quinzenalmente algumas dezenas de «O Gaiato» que vão para o Luso. «O Gaiato» é o elo que a todos prende, à volta da Obra. Quem dera que mais gente se deixasse prender. E o Luso, depois de ver a realidade que é a Obra da Rua, vai entrar, assim os cremos, em maior número, na já imensa família que saboreia «O Gaiato» todos os 15 dias.

Mostrar a Obra tal qual é foi um dos objectivos desta digressão. E conseguiu-se, com a presença dos 40 gaiatos nos palcos do Luso. Foram duas casas cheias. Cheias de gente e de gente cheia de entusiasmo que contagiou os próprios actores a ponto de se desempenharem do papel como em nenhum outro lugar, até agora.

FESTAS

Aos padres beneditinos a quem o Luso tanto deve, ficamos também a dever a nossa ida lá. Para o grupo de homens e senhoras e meninas que, esquecendo-se de si mesmas, se devotaram à preparação dos espectáculos ambeijo dos «batatinhas».

Em Silva Porto, no regresso, semeámos. Para o ano se Deus quiser semearemos mais.

Neste momento, preparamos o assalto a Novo Redondo e começaremos pela guarnição militar. E Novo Lisboa? E o Cubal? E a Ganda? E Sá da Bandeira? Gostávamos muito de lá ir. Também sabemos que gostaríamos de nos ver. Mas quem nos abre o caminho?

xxx

MUITO IMPORTANTE: Continuam a existir dúvidas entre os muitos assinantes desta zona sobre se podem mandar o dinheiro da assinatura de «O Gaiato» para aqui.

Podem e devem. Acabaram-se assim as dificuldades surgidas

por causa das transferências. Façam todos como fizeram alguns assinantes do Luso que ficaram com a consciência tranquila, entregando-nos o dinheiro das assinaturas. Ontem, um assinante de Sá da Bandeira mandou 500\$00, em vale de correio, para a liquidação da sua assinatura. Outro de Quinjenge, fez do mesmo modo. Hoje, de Nova Lisboa vieram 100\$00, com idêntico fim. Por certo, muitos assinantes continuam preocupados sem saberem

Continua na pág. DOIS



UMA BELA IMAGEM DA PEÇA «OS DOIS SARGENTOS», INTERPRETADA PELA NOSSA MALTA DE BENGUELA.

MALANJE

Todos os cãesitos de que aqui falei morreram com uma só paulada. Ora foi: Um Sr. Doutor de Lisboa, presente ao Colóquio do Trabalho em Luanda, marcou comigo um colóquio na rua. E lá, com tanta simplicidade e em cima do joelho, passou um cheque de duzentos contos que me entregou. Fiquei pregado ao chão, pasmado e comovido.

«Não sei porque as pessoas não dão. Tinha pensado ajudar uma obra em Angola. Escolhi a vossa», me disse. E eu não digo mais para não estragar a beleza deste momento... Nem nomes para não macular o gesto. Que o Senhor o guarde todo para SI — Lá onde a traça não entra.

Passados quinze dias, do mesmo Snr. Doutor, recebo outro cheque de cem contos para a nossa Casa de Benguela com esta carta bonita: «Que possa concorrer para a cristianização em Angola, para o progresso económico-social, para a formação e promoção

Continua na pág. TRÊS

Calvário

Hoje partiu a senhora Laura.

Um cancro roeu-lhe a face nas ruas do Porto, enquanto sôzinha labutava para viver. Definiu de tal modo que sucumbiu sem forças nas calçadas da cidade. A polícia tomou-a pela mão e abrigou-a no anexo do Aljube, entre gente de toda a sorte, amontoada como a louça nas feiras. E dali transitou para o Calvário. No primeiro penso mais de uma centena de larvas lhe foram retiradas da face podra. Por uns tempos serenou, conheceu leite alvo e confortável, comida a horas, rostos amigos. E ontem cerrou para nós seus olhos felizes!

Fiquei contente por este partir. Ela sofreu muito. Suportou a culpa de tantos que a deixaram cair em extrema pobreza, mergulhados no seu egoísmo que mais não permite ver do que a excelência do próprio Eu. O egoísmo de alguns cilindra a vida de tantos!

Ela sofreu muito pelos pecados alheios. Tem sido e por vontade do Mestre há-de ser sempre assim. Sempre que vou buscar algum doente oiço o eco da voz de S. Paulo a bradar que importa completar o que falta à Paixão de Cristo.

Ela sofreu e muito, mas findou já seu penar. Fiquei, pois, contente com este partir. Neste comungar a felicidade dos que partem está a compensação terrena do esforço que nos pede a nossa vocação, de recoveiro destes doentes sem cura. Enquanto o mundo colhe lágrimas da ausência dos seus vivos, nós enchemo-nos de alegria. Alegria pelo conforto que lhes proporcionámos nos derradeiros dias de seu viver. Alegria pela paz eterna que sabemos eles possuírem já. Eu gosto de vê-los partir. Nós somos tão felizes por termos recebido uma pontinha de Fé!

Padre Baptista

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Um mundo de cartas, um mundo de postais, em resposta ao nosso postal-aviso!

Todos os dias o correio traz notícias e pedidos. Testemunhos vibrantes de interesse pelas obras de Pai Américo.

Olhai pra este Amigo, de Gaia:

«Como todos os assinantes do Famoso, recebi o postal que me foi enviado a perguntar quais das obras do nosso muito saudoso Pai Américo pretendia que me fossem enviadas. A leitura do Famoso e de qualquer obra de Pai Américo, das quais, infelizmente, só possuo o «Ovo de Colombo», é por mim e por meus familiares devorada em vez de lida.

Já há muito tempo que tinha feito uma promessa a mim mesmo de auxiliar o mais possível a grande Obra que o Santo Padre Américo encetou. Mas, por dificuldades por vezes surgidas e outras ainda por esquecimento pelos muitos afazeres que tenho, não o tenho feito, pelo que me venho penitenciar, juntando um cheque na importância de 1.000\$00, pedindo o favor de me enviarem as obras do nosso Pai Américo, dizendo-me se é necessário enviar mais algum dinheiro para sua completa liquidação.

Queria ser muito extenso, mas não tenho possibilidade de me exprimir para poder exteriorizar toda a minha veneração pela VOSSA GRANDE OBRA».

Olhai pra mais este nosso Amigo, de Viseu:

«Que a paz de Deus domine os nossos corações e a vossa Obra é o que mais desejo.

Pela presente venho rementer-lhes 20\$00 em selos postais, para pagamento da minha 1.ª prestação, proveniente da aquisição dos 4 primeiros volumes da vossa Editorial. Ainda não pude concluir a leitura do 1.º volume, por causa dos meus muitos afazeres e porque gosto de saborear tão maravilhosa leitura, fruto da vivência do Evangelho posto em prática através da vida do saudoso Pai Américo.

Eu, como evangélico, afirmo, embora com certa tristeza, que o Pai Américo era (e continua a sê-lo através da sua Obra) mais evangélico que muitos evangélicos, pois ele seguia o Evangelho na prática, enquanto alguns evangélicos o seguem somente na teoria.

Oh, quão bom seria que todos os que se dizem cristãos, católicos ou evangélicos, fossem melhores praticantes do Amor de Deus, tomando para exemplo, a vida desse maravi-

lhoso homem que todos conhecem pelo nome de Pai Américo!

Maravilhosa Obra, e maravilhosos os êxitos do sempre saudoso Américo de Aguiar. Para o mês que vem enviarei a 2.ª prestação, ou, se puder, a 2.ª e a 3.ª.

Que a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus nosso Pai e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós, agora e para todo o sempre.

Vosso servo por amor de Jesus».

Agora, é a voz do Entoneamento:

«Recebi em devido tempo os 4 volumes — livros da autoria do saudoso Padre Américo, — que fizeram o favor de me enviar.

Pela leitura do jornal «O Gaiato» já fazia uma ideia da grandeza moral da «Obra do Gaiato». Mas agora, revivendo todo o passado, por intermédio da leitura sã, verdadeiramente cristã, de tão preciosos livros, avalio melhor, e quanto a mim, veio avivar e fortalecer ainda mais a resolução que já havia tomado, de me despossar, à medida que isso for possível, de todo o supérfluo indispensável a uma vida modesta, em favor dos Pobres nossos irmãos.

Não me esquecerei da «Casa do Gaiato». É preciso, como não se cansou de afirmar o venerando Padre Américo, que a Obra seja de todos e, sobretudo, de todos os que se prezam de ser católicos, — para que a Obra seja imorredoura. Que

Deus abençoe a memória do glorioso Fundador e todos os seus continuadores».

O nosso correio é assim. Labaredas que incendeiam. Almas que vibram. E se deleitam. É Cristo vivo! Despido de cera, incenso e perfumes. Sem distâncias. Sem barreiras. Sem nada. É Cristo vivo! E em nome de Cristo todos nos conhecemos e amamos.

Laurindo está, hoje, também, às voltas com o ficheiro da Editorial. Tem sido, realmente, um movimento extraordinário! Gosto de o ver ali. Sem atropelos. Sossegado. Interessado. Mandou já uova remessa de cerca de 80 volumes do «Pão dos Pobres» I, II, e III vol., mais o «Obra da Rua» (última edição). Entretanto, para que lhe havia de dar? Arrumado o expediente, rapa de toda as respostas ao postal-aviso recebidas até hoje, só para se deleitar pela quantidade de volumes expedidos por sua mão, desde o começo da campanha! Não lhe disse nada. Calei-me. E pus-me de lado pra saborear melhor. «Já seguiram mil e duzentos livros até hoje», informa e exclama, olho a rir de contente. Fosse ele um número, despersonalizado, como tantos ainda em nossos dias...; fosse «asilado» — como poderia ex-«Caixa d'Óculos» exclamar tão naturalmente, tão interessadamente, o fruto espiritual e material desta campanha? Seria um número, fardado... Mais: o cuidado dele chegou ao ponto de embalar todas as respostas apondo-lhe uma etiqueta indicando a quantidade correspondente!

Ainda há livros pra muita gente! Os senhores, mai-las senhoras despeguem um minuto dos seus lazeres. E respondam. Só para incutir e despertar ao ex-«Caixa d'Óculos» mais interesse valeria a pena.

Júlio Mendes

BARREDO

A miséria, quer seja um lapso da riqueza ou um grito da angústia humana, é em nossos dias um tema obrigatório de ponderação. Todavia só nos inquieta verdadeiramente, na medida em que mergulhamos no seu mundo real.

O que Pai Américo não lutou nestas colunas pela gente do Barredo de há vinte anos para cá; e que não tem sido feito por aqueles que dedicadamente ali trabalham, para que na hora duma solução social condigna, por que todos aspiramos, só aflore no «diz-se» que aqueles que têm a chave do problema, estão a pensar nisso! «Isto agora vai».

Recebemos há dias uma carta do Pároco dali. «Vai a caminhar para um ano que estou em São Nicolau e apenas consegui conhecer alguma coisa desta «imensa riqueza» os Pobres, e alguns dos antigos e novos problemas deste imenso Barredo de almas. Foi tão pouco o que se fez aqui (demolindo), foram tantas as casas adaptadas a ilhas, e quartos aqui e ali alugados, que aqui está de pé e aumentou o mal entre nós. Prometem que isto agora vai. No entanto se não demolirem as casas existentes (parece que

não) ficaremos sempre com as mesmas desgraças entre nós. Neste transe — alguma cousa se tem feito com as crianças e é neste campo que urge continuar e aumentar, para que retiradas dos quartos, dos portais nos dias de chuva, ou da rua no tempo de sol, possam respirar melhor ambiente moral, social e ter orientação religiosa.

Com a cooperação de todos os organismos que trabalham no Barredo, esperamos em em Deus olhar os Pobres — os 250 pobres indigentes e as 600 famílias pobres, para as procurar ajudar em todas as necessidades, físicas, morais e espirituais. Tenho a resolução de alugar um prédio de quatro andares e sótão, para montar os serviços. Estou certo que Deus não deixará de confirmar a confiança nEle».

É pois um homem de iniciativa, cheio de inquietação pelos «antigos e novos problemas» do seu Barredo, e sobretudo cheio de confiança.

Os problemas de há vinte anos aumentaram. E o seu pároco procura atingi-los no aspecto social e religioso, mas fica fora do seu alcance o económico, o da habitação e educação que são primários também. E mais que outros o da habitação parece-me dever ser resolvido ali. A construção de bairros será mais a contento da estética citadina que do Pobre. A sua vida não é só a casa digna, a saúde, a promoção social; é também o meio de trabalho onde vive, rio ou armazém — e o apego ao seu mundo; é a orgânica comercial em miniatura que vive dele e para ele — os pequenos mercados e lojas que vendem 5 tostões de arroz e dez de bacalhau; é o rio — um entretenimento de toda a hora para pequenos e grandes.

O problema bem resolvido, parece-me, só dentro do próprio Barredo, a partir duma visão justa de todos os valores humanos em causa. O pároco do Barredo sente a responsabilidade daquela «imensa riqueza» e no seu âmbito de trabalho vai tentar tudo. Mas sabemos bem que isso é uma mezinha e não o remédio. Vai fazer por caridade o que a justiça não atinge.

Que as crianças sejam, amanhã, os homens dum Barredo melhor. Confirme Deus o seu pároco na esperança e os bons homens do Porto na acção.

Padre José Maria

Areias do Cavaco

como se desobrigarem. Aqui fica a sugestão: os assinantes da zona sul de Angola podem mandar por correio ou carta registada ou por qualquer outro processo, para Casa do Gaiato — C. P. 820 — Benguela. Os da zona norte da Província, esses devem mandar para a Casa do Gaiato — Malanje. Temos a impressão de que alguns assinantes não recebem o jornal porque mudaram de residência. Aos senhores funcionários dos C. T. T. U. pedimos o favor de nos devolverem os jornais que não são levantados.

Tomámos a liberdade de enviar para o Cubal, Ganda, e Nova Lisboa, à experiência, alguns números de «O Gaiato». Os que até este momento não fizeram a devolução, nem comunicaram o

Continuação da primeira pag.

seu desinteresse, consideramos como assinante efectivo, a partir de Outubro.

A todos os amigos da Obra do Padre Américo, lembramos que assinar «O Gaiato» é contribuir, quase sem darem por isso, para o levantamento da bela Aldeia dos Rapazes.

x x x

Agora, alegra-te connosco: 10.000\$00 «em acção de graças pelo nascimento de um netinho e para que Deus continue a abençoar a vossa Obra». Não sei quem é, mas isso não importa. Deus sabe. É tão difícil dar com uma mão, sem a outra o saber, que estas coisas são raras. E quem sabe se muitos não dão, porque não têm a coragem de esconder a uma mão o que a outra dá?

Mais 500\$00, de Benguela, 150\$00, do Lobito, «para paga-

mento de uma promessa». Uma nota de cem da Catumbela; 750\$00 da Conferência Vicentina de Sta Isabel; 500\$00, da de S. João de Deus e 250\$00 de um anónimo, todos de Silva Porto. Do Lobito, 200\$00 e 2 latas de azeite. Mais «uma pequenina ajuda» da Catumbela; mais 200\$ de Benguela, não sei de quem; 500\$00, de P. e I.; mais 500\$00, de J. F. C. e uns sacos de adubo; 1.000\$00 da C. B.; 500\$00 de J. D. A., todos de Benguela.

A nossa Casa Mãe entrou na fase mais difícil de «roer». É a arrancada final. Depois virão outras e mais outras. Precisamos da tua perseverança, até ao fim. Obrigado.

Padre Manuel

Visado pela
Comissão de Censura



Tem sido uma revoada deles. Para nós, são, geralmente, acontecimento feliz. É tão bom colher! E estes casamentos — dos que saem deste lar materno para o seu; e dos que já tendo saído, não dispensam a presença da Mãe nos seus dias grandes — são para nós oportunidade de colheita. É que, em regra, tanto uns como outros preparam o passo com a seriedade que lhe é devida. E assim podemos esperar com fundamento que a nova Família tenha alicerces e suba, sem risco de ruína, os caminhos íngremes e contraditórios da vida. Pois qual não é o valor de uma Família?! Pois não é sê-lo o que a Obra procura — sabe Deus por sobre que dificuldades e apesar das nossas



MANUEL MORAIS, EX-«NECA BIGODES» E ESPOSA

CASAMENTOS



JOÃO DE OLIVEIRA CRUZ, EX-«BATATA VELHA» E ESPOSA

aquele por quem somos directamente mais responsáveis. Também conhecemos esta dor.

Ora os seis pares que ultimamente se matrimoniaram e cuja foto aguarda espaço no Famoso, dão-nos muitas esperanças de solidez que se levanta em promessas de Bem.

Hoje damos à estampa a do Manuel Morais, que aqui foi conhecido por «Neca bigodes» e hoje é tipógrafo em Lisboa; a do Ramada, funcionário da Celulose em Cacia; e a do João de Oliveira Cruz, que foi o «Batata Velha». Tive particular emoção no casamento deste, por ser o primeiro gaiato que fixei quando vim a Paço de Sousa a primeira vez. Era ele, então, dos mais pequeninos. Ele e o «Batata Nova» foram os dois que deram origem ao nome genérico, tão conhecido e famoso, dos «batatinhas».

Pois o «Batata Velha» é hoje um homem, cheio de juventude, muito apurado por fora e por dentro, graças a Deus. Que assim seja sempre, ele e os seus irmãos e suas esposas.

tamanhas deficiências?! Constatarmos que do velho tronco da Mãe rebenta um novo ramo bem nascido — é vivermos na expectativa da pujança que o fará multiplicar os frutos. São nossos esses frutos, também! Quem se não alegra em dá-los?!

A par, quanta tristeza pelos lares infelizes, por aqueles que já se previa que o seriam e por aqueles que surpreendentemente o são! Mais dor quando a explicação da infelicidade está no comportamento menos digno do marido, justamente



ALBERTO RAMADA E ESPOSA

Terminámos a sementeira de Verão fora de nossa casa. Procurámos ser mensageiros, embora no regresso fôssemos também recoveiros. A nossa mensagem foi a presença do Senhor Pobre na doença, na nudez, na orfandade, no abandono. O Senhor Pobre que também quer estar presente na praia, no casino, no café, na piscina, nas termas, em casa de cada um, lugares estes donde Ele é afastado e, por vezes, escuraçado.

Ficou-nos a dúvida de que a maior parte dos nossos ouvintes anda ansiosa de verdade: porque, cansada de poeiras e teorias, habituou-se à banalidade da vida.

Recebemos testemunhos que revelam consciências que se abrem. O médico que há muito auscia ir comigo aos Pobres foi falar-me à sacristia. Vive preocupado com a educação de seus filhos, que têm casa, carro, mesa, cama e o mínimo de conforto. O pai receia que os filhos não saibam ver que há uma legião de jovens que nada têm e fiquem com uma formação deturpada.

Um industrial disse da sua preocupação em fazer os seus empregados participantes da vida e lucros da casa. Entende

que assim é, mais cristão, porque mais justo. Alguém, à mesa do café onde fui por causa da vida de um dos nossos, dizia-me com a amizade de muitos anos: enquanto o ouvia eu ia pensando: este homem ainda encontra muita gente boa e generosa.

Um radiologista, que tem o sentido de servir, confienciava-me em casa de pessoa muito íntima: depois de o ouvir eu fiquei a ruminar nesta ideia: estes homens, nesta Obra, resolviam o problema das crianças abandonadas, se as autoridades e os portugueses lhes dessem as mãos.

Um oficial do nosso exército dizia a um dos nossos rapazes: ouvi um dos vossos padres. Gostei e faz-nos bem ouvir assim verdades fortes.

O correio trouxe uma carta que falava assim: por motivo de doença não assisti no domingo à missa e não o ouvi. Foi minha mulher que o ouvi e me transmitiu o que V. disse. Bem haja pelo desassombro com que sempre fala em benefício dos Pobres.

Esta foi a nossa preocupação. Inquietar as consciências e mostrar-lhes o Senhor que se nos queixa.

Padre Horácio

MALANJE

Continuação da 1.ª página

humana são os desejos de minha mulher e meus».

Obrigado, SENHOR, para os teus filhos que deram.

Igualmente para todos os que se têm lembrado de nós:

De Malanje: Aquele Snr. Doutor com os seus habituais cem escudos, metendo-me no coração ao mesmo tempo: «Gosto muito dos seus rapazes»; por uma graça de Pai Américo, um casal com mil; mãe de um Carlitos, agradecida ao saudoso P. Américo, com pedido duma oração, mil; duas de cem e «reze pelo meu filho»; mais um casal amigo, do aumento do ordenado, 500; amiga do costume, 200 num envelope; e a todos os visitantes que nos deixaram suas lembranças.

De Luanda: Aquele netinho, Hugo Manuel, que nos mandou dez mil — e o «Deus continue a abençoar a vossa Obra» — do avô; dois que por cá passaram, 200; a Mabor mais dois pucos para a nossa pobre Bedford; Maria de

Lurdes e Julieta com 500 e 500; Caldeira, 300; anónima da I. da Nazaré, 200.

De Salazar: Roupa e cem, mais roupa, e um casal amigo, uma casa para o Património dos Pobres a construir em Trás-os-Montes.

De Carnona: O Viriato com 200, a M. Luiza com 100 e a amiga dos leprosos com o habitual.

Da Lunda: Tudo o que nos mandaram o Mário Rui, a Milena e Nene e o M. F.

Do Dondo: Um amigo na estrada, 400 e outro, um bidon de óleo.

De Cambambe: Em memória do pai, 50 e um nosso amigo com 500. A C.ª Vaz Guedes, mais uma vez se lembrou de nós com uma mobília, vigas e tubos.

Da Tentativa chegaram os mil das assinaturas.

Assim nós sabemos corresponder, estar presentes — amando, quotidianamente, todos os outros, nesta Angola Grande.

Padre Telmo



BENGUELA

* **FESTAS:** É com grande alegria e satisfação que me encontro neste momento a dar-vos notícias, em especial das últimas.

Em Benguela, correu bem como esperávamos. Alguém pediu para que repetíssemos, mas... aguardamos mais pedidos, pois nós de boa vontade lá iremos, se tivermos a certeza de que a Sala se encontre com público suficiente.

No Lobito, também correu às mil maravilhas. Foi nesta cidade que se nos ofereceram o Sr. fotógrafo Quito, que tirou lindas fotos sem nos levar «tostão».

todos os que prepararam nossa festa. Para o povo daquela cidade vai de todos nós, a esperança dum espectáculo sempre melhor.

A Silva Porto, chegámos às quinze horas do dia 31 para actuarmos às nove e meia da noite. Esperamos até ao ano, para vermos a semente caida. Desta viagem trouxemos uma boa ajuda material para a nossa Aldeia.

Agora dois reparos que são dignos de serem bem observados: o primeiro foi na cidade do Luso. Os donos do Cine-Teatro em que actuamos, foram tão simpáticos, que nas variedades, projectaram lindas cores nos nossos cenários. Alguém há que possa acreditar, que nas outras cidades não haja estas cores?

Esperamos pelo próximo ano.

O segundo é um agradecimento

nho, faziam-se barcos e castelos na areia. A principio, o Fabião mais alguns pequenitos, tinham medo das ondas. Dias depois, a pouco e pouco todos nos fomos habituando. Até que um dia, uma maré baixa, já apunhávamos mexilhões, lagostins, nem os caranguejos fugiam. Fugiu-nos mas foi um anzol que tínhamos deixado noutro lugar.

* Tivemos a sorte de assistir ao circuito de Vila do Conde. Aquilo os automóveis levavam uma velocidade!... O Fernando — o Espanhol pequenito — comentava depois batendo as palmas: «Que correm!» E ainda nesse dia, o Júlio que já uma vez ao vir da praça do mercado tinha deixado repartir as cenouras com as ciganas, foi arranjar uma abóbora. E ele lá arranjou, e as senhoras lá fizeram o doce. — E, o Júlio, já agora, diz lá a

PAÇO DE SOUSA

* «Campanha do acordeão». Mais notícias boas a dar-vos! Se digo boas é porque chegou mais material para o instrumento.

O Aranha anda impaciente por apanhar o acordeão nas mãos. Pergunta impaciente: «quanto falta para a conta?». Apenas lhe digo que já faltou mais e que não desanime. Ele assim o faz, e vai duas vezes por semana ao Porto receber lições de piano. Todavia a paixão dele é o acordeão e então diz para a Srna. Professora que é melhor virar-se ao acordeão.

— Ai Aranha, ai Aranha, o que será de mim se não apareces nas nossas festas de acordeão ao peito, e... a tocar!

Novo código saiu e novos proprietários surgiram com direito a desfrutar a figueira dos Tipógrafos que, com tanto carinho a trataram e viram crescer. No entanto, ela continua a respirar o ar gráfico, não deixando assim de crescer e produzir tal como os seus verdadeiros proprietários — Tipógrafos — desejam.

João da Rocha



PELAS CASAS DO GAIATO

Depois destas duas, veio no dia 26 de Agosto a partida para o Luso, aonde nós levámos algo de bom, tanto material como espiritual. A nossa esperança foi transformada em certeza. A linda cidade do Luso nunca vira uma festa como a que lhes oferecemos. No dia vinte e oito foi o primeiro espectáculo, domingo, pelas quinze e trinta. Foi num Salão parquial esgotado até às janelas; reparámos no sorriso daquela boa gente, que no dia seguinte encheu de novo o Cine-Luena. Foi desta que saímos cheios de alegria. Pois aquele povo, à saída, na «capa» posta à porta, mostrou o carinho e a boa vontade de nos ajudar na conquista da nossa Aldeia começada há treze meses.

Dia trinta, saímos daquela saudosa cidade. Saudosa porque foi pela primeira vez que lá fomos mostrar a nossa «Obra viva» e aquele povo soube compreender tudo o que aconteceu, obrigando-nos a fazer a simples despedida até ao ano que vem. A saída despedimo-nos do Sr. Bispo e de

as salas de espectáculo que nada nos levaram pela cedência.

Agora teremos dentro de dias a festa de Novo Redondo. Esperamos que aquela boa gente nos acolha. Até lá nos despedimos.

João Evangelista

Azurara

* Férias são sempre férias — é uma alegria! Passávamos de trinta: gaiatos, dois seminaristas, duas senhoras. A casa limpa, arejada; nós todos, de manázinha, era num instante que púnhamos tudo a alumiá-lo. Depois, a sol a fazer estrelinhas lá do alto nas cristas das ondas. Que lindo tudo aquilo! Jogava-se a bola, tomava-se ba-

verdade: alguma vez a sopa esteve foleira? Nem o creme, nem o doce da festa, nem nada, quanto mais a sopa! Até aos do tacho se admiravam de as panelas custarem pouco a lavar. O que era pena era o motor do poço estar avariado. Olha, Quim, vê lá tu se arranjas alguma coisa. Pode ser mesmo que o Trinca-Espinhas tenha alguma ideia. O que é certo é que para o ano a coisa tem que correr melhor. Daqui até lá, como não são férias...

* Trabalho. Já somos homens. Temos de ganhar o pão com as forças que Deus nos deu: o de cada dia, e também o das férias.

* Frigorífico — mais uma vez o nosso pregão não caiu em este roto. Já veio um, pequeno mas em muito bom estado e suficiente para o tempo da praia.

Bem haja a simpática Família que no-lo deu.

Alcino

Olhem só o que este nosso amigo diz na carta em que nos enviou 50\$00.

«...Os outros 50\$00 são para a ajuda do acordeão. Sou amigo da música e peço que façais um conjunto bonito, para eu apreciar quando vierem abrihntar as vossas festas a Coimbra, o que tenho sempre apreciada, com muito gosto».

E como este, todos os que contribuem para esta campanha devem ter o desejo de ver o nosso homem fazer qualquer coisa.

Mais 20\$00, oferta da esposa de um praeista; 100\$00 que restavam da

Noticias da Conferência da NOSSA ALDEIA

Foi há dias. Encontrei um bom amigo, angustiado pelo sofrimento de um Pobre de Paço de Sousa. O encontro, a hora, o local, o objecto, não foi surpresa. Fiquei contente.

Já que tínhamos horas marcadas, o caso foi resumido. «Descansa! O X. varredor da Câmara, levou carta minhas».



FELIZES, SORRINDO PARA A VIDA, EIS OS CINCO REBENTOS DO NOSSO JÚLIO MENDES.

compra da bateria e que o nosso caixa — Manuel Pinto — lembrou juntar à conta do acordeão.

De Penafiel 20\$00. Um postal de Braga a dar-nos esta lição:

«...Sobejam 20\$00 que ofereço para a compra do acordeão. É pouco mas é das mãos de um operário que ganha pouco e tem filhos abandonados para criar! Peço uma oração para o filho mais velho que anda a cumprir serviço militar».

São estas migalhinhas do pobre operário que mais nos enriquecem. «O Gaiato» apresenta inúmeros testemunhos deste género para que não sejais só vós os enriquecidos, mas todos aqueles que sentem «O Gaiato» como fortificante e sentem nele a realidade de que vivem.

* A figueira da Tipografia está em progresso! É um encanto olhar para ela carregadina de figos. A Tipografia tornou-se independente, é certo! Mas simultaneamente perdeu direito à tão importante figueira que sempre — em tempo da fruta — se sentiu rodeada dos seus amigos tipógrafos.

Ai vai a história: É um Pobre, varredor em uma cidade do norte. Sofre de doença nervosa. E não trabalha há meses. «Atingiu o prazo máximo de benefícios...», da previdência camarária, claro e está na miséria. Eu tremi! Pois se o seguro social está na ordem do dia...

«O homem é envergonhado. Não pede. Não se queixa», diz o meu Amigo. «Mas eu incomodei-me. Quis saber. E agir. Não descuides a resolução do caso!...», remata com ênfase.

Depois soube mais. A Mulher é como a Mulher forte da Boa Nova. Ao descrever suas angústias ri e chora! «Há que acitar o que Deus manda...» Tremenda lição! «Custa muito pedir, acrescenta. «Tenho vergonha». Mas contente — tão contente! — por surgirem samaritanos. Quantos casos assim, desamparados, pelo mundo fora, só porque os homens se fecham em sua torre de marfim!

Vamos suprir, no entanto, em muito pouco, parte daquilo que por justiça falta ao pobre varredor. Valha-nos Deus!

Júlio Mendes

SETUBAL

Começámos a construir um Lar, na cidade, junto das oficinas já prontas.

Não fizemos festa de lançamento da primeira pedra. Não houve tempo. Tão pouco benzeimos. Eu não estava e os rapazes não esperaram. Puseram-se à obra com toda a garra. As primeiras fundações vão em ritmo acelerado. Eles compreendem a desordem, a confusão e o cansaço que é para todos a falta do Lar. Ninguém como eles anseia pela sua execução. Não admira. É obra deles!

Cheguei depois de uma ausência de oito dias. Estive a retem-

perar as forças do espírito no movimento por um Mundo Melhor. Encontrei as nossas obras numa azáfama enorme. Ele pedreiros, serventes, armadores de ferro, escavadores, amassadores, — patrões cheios de amor e entusiasmo. Contemplando-os assim, eu pensava comigo somente: quando é que esta geração saberá apreciar o valor do esforço destes rapazes no levantamento de uma obra que será redenção?! A Obra custa muitas centenas de milhares de escudos. Eu devo mais de uma centena.

Apoiado neles, contando com eles, vamos adiante. É urgente e

cremos também ser a vontade d'Aquele em Quem descansamos.

X X X X

A tropa para nós tem sido uma grande sangria. Os melhores, os mais amadurecidos, os já mais capazes de nos ajudar, chegam aos vinte, ou pouco mais, e... pronto. Tem que ser. Três dos nossos melhores pedreiros estão no exército. Uns no Ultramar, outros na Metrópole. A equipe dos pedreiros vai ser desfalcada agora com o melhor elemento: — O Manuel César, ex-Picanço.

A sua falta vai ser bem notada por todos e por mim. Estou, outra vez, a ficar sem pedreiros. Toda a gente sabe como o valor do trabalho especializado neste ramo tem sido valorizado ultimamente. Eu não sei onde é que a Pátria precisa mais de homens assim: Se na frente da batalha, se na retaguarda de apoio.

Padre Acílio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE